

## RECENSÕES / BOOK REVIEWS

---

---

SANTOS, Renato dos; IÓRIO, Luiz Fernando Duran (Orgs.). *Fenomenologia, Linguística & Psicanálise*. Porto Alegre: Fi, 2019, 333 p. ISBN -978-85-5696-603-2.

---

É com a frase “o homem não era necessário”, do poema *O dia da Criação*, de Vinícius de Moraes, que os organizadores Renato dos Santos e Luiz Fernando Duran Iório introduzem a apresentação do livro recentemente publicado: *Fenomenologia, Linguística & Psicanálise*. Mas o que esta frase significa? Uma das possíveis interpretações que ela pode suscitar diz respeito à condição da existência humana em sua *facticidade*, isto é, o fato de sermos seres lançados no mundo – como diria Heidegger – e ter de fazer alguma coisa com esta contingência que nos atravessa.

“O que é a vida?”, “qual o sentido da existência?”, “de onde viemos e para onde vamos?”, são questões cruciais que permeiam a história da filosofia, dos pré-socráticos à filosofia contemporânea. Acrescento, ainda, que todo aquele que almeja transitar pelo universo da filosofia deve, necessariamente, em algum momento de sua existência, ter sido tocado por tais indagações. Podemos dizer que estas questões são o que norteiam, ora direta ora indiretamente, o livro em questão. A partir de três discursos distintos que, em vários pontos, dialogam entre si – a fenomenologia, a linguística e a psicanálise –, os autores buscaram circunscrever o indeterminado, o *non-sens*, o nada, ou simplesmente o *real*.

O leitor atento poderá perceber que, implicitamente, se trata de um paradoxo quando falamos de *real*. É que, conforme Lacan, o *real* é aquilo que não tem sentido, que resiste à simbolização, ou que fica de fora de qualquer possibilidade de apreensão significativa. Então, como podemos falar de algo que, por natureza, não pode ser dito? Como dizer sobre algo que está fora de nossa capacidade de sujeitos barrados, castrados, como falta-a-ser?

Ora, não podemos esquecer de que “paradoxo” não significa “contradição”, pois este último é a pura e simples impossibilidade do mesmo e do outro estabelecerem contato, pois são de naturezas irreduzíveis. Já o paradoxo revela o *quiasma* de duas dimensões que estão entrelaçados por um ponto em comum, como o nó borromeano, uma estrutura, na

qual horizontes distintos podem operar sem, necessariamente, se contradizerem. Em outras palavras, trata-se de uma *Gestalt*, em que a figura não subsume o fundo, nem o fundo a figura.

Apesar, portanto, de não podermos apreender o real, é desta impossibilidade mesma, a saber, a partir de sujeitos faltantes que emerge o desejo. Eis, então, a outra face do paradoxo: do impossível nasce o desejo. O desejo é da ordem do impossível, de uma falta constitutiva de nossa estrutura subjetiva. A insatisfação é, por excelência, a marca do desejo, à medida mesma em que a falta, caso pudesse ser esgotada, seria a morte do sujeito, pois ele cessaria de desejar e, como sabemos, um sujeito sem desejo é um sujeito morto.

Convém chamar a atenção para a capa do livro, a belíssima obra de Caravaggio, *São Francisco em Meditação* (1606) e, mais exatamente, para a caveira que ali está inscrita. Se o leitor notar, logo perceberá que ela faz lembrar a pintura: *Os embaixadores*, de Hans Holbein, que está presente na capa do *Seminário, Livro 11*, de Lacan. Mas o que esta caveira representa? Ela representa precisamente o real, que apesar de as leis do estado, a ciência, a igreja, a cultura, fazerem-se presentes, o real não desaparece, mas se mantém ali, qual pulsão de morte, como algo que quebra a consistência simbólico-imaginária.

A grande questão é: o que fazemos com este real, com esta pulsão de morte que, como Freud bem nos mostrou, apresenta-se à cultura causando um mal-estar? Tentar negar e afastar o real? Mas como afastar isso que, a bem da verdade, nos pertence, enquanto *extimité*, neologismo lacaniano para descrever a relação do sujeito com *das Ding*. Na maior parte das vezes, a grande descoberta que fazemos na clínica é que, na verdade, aqueles monstros que tanto procuramos afastar, negar, jogar para a responsabilidade do outro, somos nós próprios os seus autores.

Estas questões, o próprio leitor poderá aprofundá-las no livro *Fenomenologia, linguística & psicanálise*, visto que a obra faz ressaltar, de maneira brilhante, estas questões que são caras tanto à filosofia, à fenomenologia, à linguística, quanto à psicanálise. O desejo, o estatuto do sujeito, o real, o simbólico e o imaginário, o significante e o significado, a questão da estrutura subjetiva ou, mais precisamente, o autismo – se, na perspectiva da psicanálise, ele é ou não uma estrutura – são estes e outros temas que são contemplados por quatorze capítulos de autores especializados nas suas respectivas áreas. Todavia, é o próprio leitor que fará a prova de tudo isso ao folhear este livro.

A obra, *Fenomenologia, linguística & psicanálise*, pode ser acessada em formato impresso e em *E-book*, no site da Editora Fi. Para isto, basta escrever o título do livro, clicar, e o leitor será remetido à editora. Trata-se de uma obra voltada para estudantes de filosofia, psicanálise, fenomenologia, linguística e para todos aqueles que, de um modo ou de outro, foram interpelados pelo *real*.

*Renato dos Santos*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e pela Universidade de Coimbra (cotutela). E-mail: renatodossantos1@hotmail.com